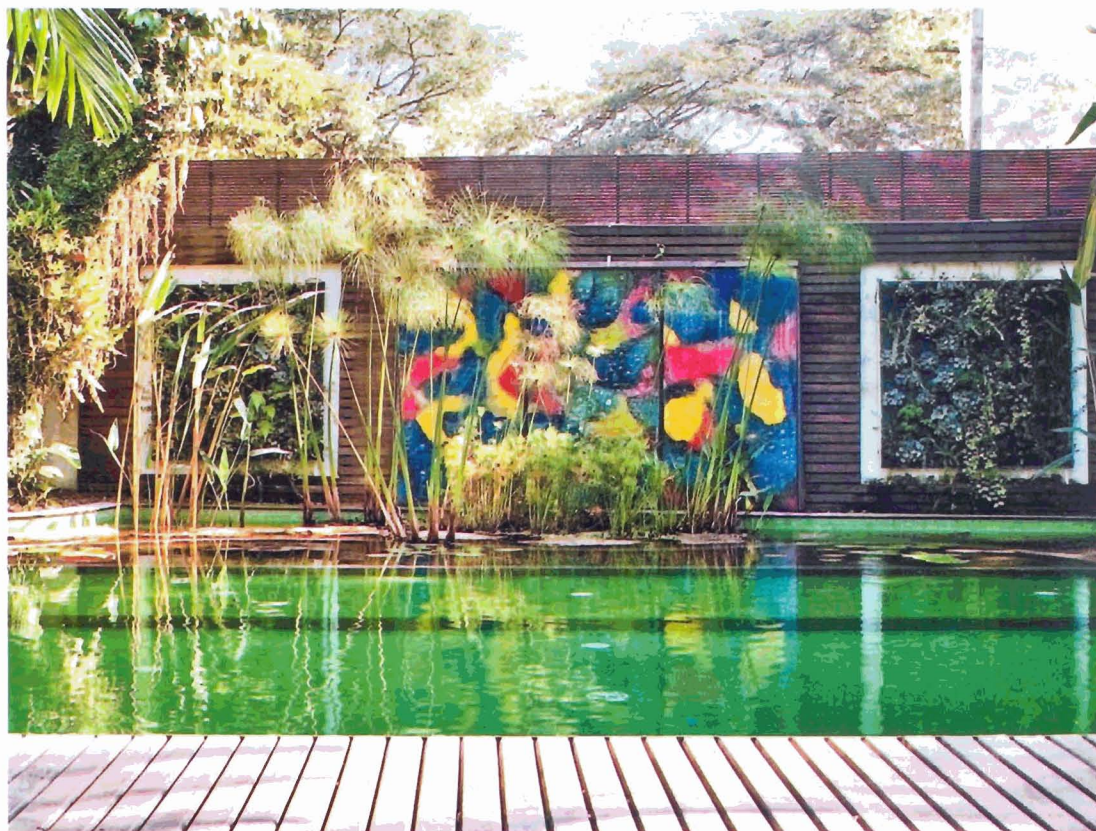



Lagoa particular

Uma piscina biológica – com direito a peixes, plantas e tratamento sem cloro – é a atração deste jardim paulistano, reformado de acordo com critérios de sustentabilidade.



O som da água circulando, o movimento das vitória-régias, o vaivém dos peixes... a vida emana desta piscina, coração de um jardim de 600 m² reformado para introduzir recursos ecológica-mente corretos na manutenção. “O morador fez questão de aderir à tecnologia sustentável”, conta o paisagista Roberto Ferrari, sócio do engenheiro agrônomo André Bailone na Itubanaíá Soluções Ambientais, empresa responsável pelo projeto. Entre os mecanismos adotados, destaca-se o tratamento do tanque de 100 m², que ganhou revestimento de pastilhas de resina verdes e novo

formato, além de profundidades variadas para possibilitar diferentes usos. Livre de cloro, o sistema de purificação permite a presença de peixes e plantas sem que eles contaminem o meio (veja detalhes na pág. 110). Em terra há outras intervenções, como a irrigação com água captada da chuva e controlada por uma estação meteorológica. Automatizada, ela regula a intensidade da rega de acordo com a umidade atmosférica e o tipo de solo. Tudo para poupar a natureza, facilitar os cuidados diários e liberar tempo para a família curtir ao máximo seu oásis privativo.



Forrado com seixos, o espelho-d'água, localizado junto ao muro, massageia os pés. Vitória-régias (*Victoria amazonica*) e ninfeias (*Nymphaea rubra* e *Nymphaea alba*) reproduzem o ecossistema das lagoas. Entre os peixes, dourado, piraputanga, lambari e matrinxã. ▶



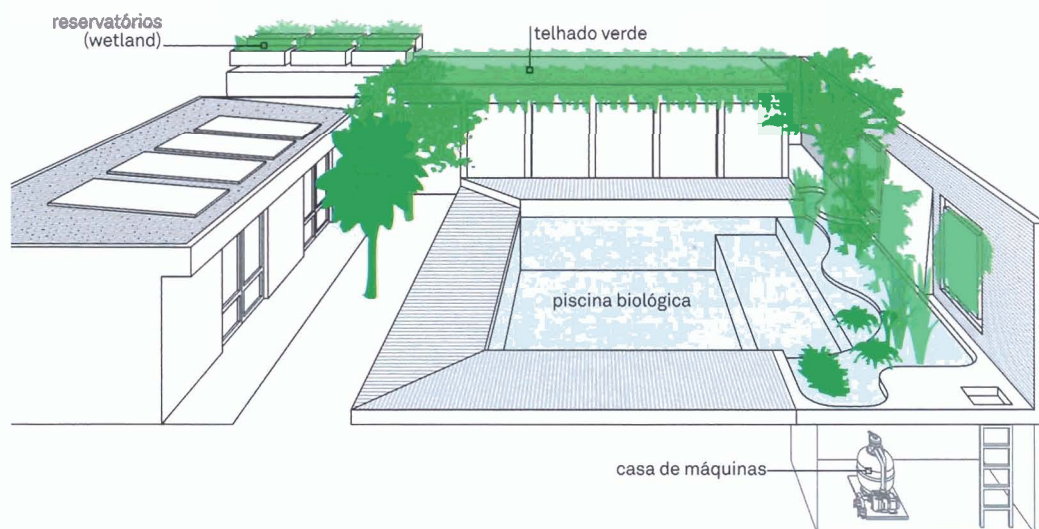
TRATAMENTO NATURAL

Para se manter livre de bactérias e fungos sem a ação do cloro, que mata peixes e plantas, a água da piscina é bombeada para um reator de ozônio. Ele é removido na etapa seguinte por um filtro de carvão ativado. Uma câmara de UVX (ultravioleta extremo) finaliza o processo, que ocorre na casa de máquinas. Paralelamente, a água segue a reservatórios com a planta aquática aguapé. Suas raízes filtram o fósforo e o nitrogênio, responsáveis pela proliferação das algas. "Só uma parte do volume da piscina passa por esse sistema, conhecido como wetland: o suficiente para que se mantenham baixos os níveis de fósforo e nitrogênio", explica Claudio Gonzales, da Purificall, empresa especializada no ramo.


Quanto custa: o wetland varia entre R\$ 160 e R\$ 250 o m² (aqui previram-se 16 m²). Já o sistema de ozônio custa cerca de R\$ 30 mil para até 100 mil litros de água (o preço muda em função da área e da quantidade de peixes, plantas e usuários).



Os reservatórios servem também para filtrar o enxofre presente na água reaproveitada da chuva, proveniente de escapamentos de automóveis.



O telhado verde de 90 m² estende-se sobre a cobertura metálica da academia de ginástica da residência. Sobre a superfície original, sobrepõem-se uma camada de isopor, outra de substrato orgânico e, por fim, uma tela sintética coberta com grama-amendoim. Essa composição básica sai por R\$ 150 o m².



A tumbérgia azul (*Thunbergia grandiflora*) compõe um painel frontal em frente ao terraço. Ao redor da piscina, o deck de madeira de demolição, proveniente do desmanche de telhados, dispensa qualquer tipo de proteção. O projeto de paisagismo contou com a colaboração de Bárbara Ucello. ■

Reportagem: Eliana Medina (visual) e Raphaela de Campos Mello (texto)
Design: Rebeca Simone/Fotos: Célia Mari Weiss/Ilustração: Fabio Flaks